

## Os primórdios dos balneários no Rio Grande do Sul e os cuidados com o corpo

Sílvio Marcus de Souza Correa

### Resumo

Nos primórdios dos balneários no Rio Grande do Sul, tanto de águas minerais quanto marinhas, a finalidade medicinal era a principal. Entre os principais freqüentadores dos balneários emergentes houve a predominância do grupo étnico alemão. As famílias alemãs não predominaram apenas entre os veranistas, mas também entre os empresários do ramo. Era um grupo pequeno de imigrantes de origem urbana, profissionais liberais e que, geralmente, já conhecia as vantagens curativas ou revigoradoras dos banhos em balneários europeus. Entre os banhistas, destacam-se os médicos. Além de praticantes, eles foram importantes emissores de um discurso científico em prol dos balneários. Empresários de origem alemã investem, portanto, neste promissor mercado emergente da saúde. Não é por acaso que, em 1888, o primeiro estabelecimento hoteleiro de Tramandaí se chama Hotel da Saúde.

O presente trabalho é resultado parcial de uma pesquisa sobre a vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul, cuja gênese remete às práticas terapêuticas já difundidas na Europa e que chegaram ao Brasil meridional através da imigração européia da segunda metade do século XIX. Mas a difusão de tais práticas ocorreu na primeira metade do século XX, ao mesmo tempo, novos aspectos (hedonistas) incitam a vilegiatura para as primeiras estações balneárias no Rio Grande do Sul.

**Palavras-chave:** vilegiatura marítima, praias balneárias, litoral Rio Grande do Sul

### Introdução

No dia 18 de fevereiro de 1878, chegava a Porto Alegre o jovem alemão Hans Hoffmann. Depois de uma viagem tumultuada, durante a qual os passageiros sofriam de enjôos e outros males da travessia atlântica, o jovem aportou em Recife, de onde percorreu a costa brasileira até o sul. Visitou Rio Grande e, após poucos dias, embarcou no vapor *Guahyba* rumo à capital da província. Ao desembarcar em Porto Alegre, onde muitas casas de comércio exibiam nomes em alemão, o jovem aventureiro foi procurar um tio, proprietário de uma ferragem no centro da capital. Quem o recebeu foi um primo por quem soube que o tio e sua esposa somente regressariam da praia dentro de alguns dias.<sup>1</sup>

Essa passagem do diário de um jovem de 15 anos indica algo de valioso para o estudo dos banhos de mar no último quartel do século XIX no Rio Grande do Sul.<sup>2</sup> Ela é um indicativo de que alguns imigrantes alemães já praticavam a vilegiatura marítima. Naquela época, os

<sup>1</sup> NOAL FILHO, Valter e FRANCO, Sérgio da Costa (org.) *Os viajantes olham Porto Alegre: 1754-1890*. Santa Maria : Anatterra, 2004, p. 168.

<sup>2</sup> HOFMANN, Hans. *Nach Brasilien und zurück in die Heimat*. Tagebuchblätter von Hans Hofmann. Stuttgart und Leipzig: Verlag von Hofmann & Hohl.

banhos de mar tinham finalidade medicinal. No romance *Hilda*, de Aquiles Porto Alegre, há outra passagem sobre banhos medicinais:

“Pelos meses de dezembro e janeiro algumas famílias ricas e outras pobres, com algum doente, deixam a Capital e vão aos banhos do mar. Neste tempo o lugar torna-se então mais alegre, porém não dura muito que a tristeza não venha de novo assolar a natureza do local. Em março e abril os banhistas, aos primeiros arrepios do frio, como as andorinhas, levantam as tendas que povoavam a extensão da praia e as caravanas partem com direção a Porto Alegre”.<sup>3</sup>

Essas duas passagens literárias indicam que os banhos de mar eram praticados e com finalidades medicinais. Um terceiro vestígio encontra-se num anúncio sobre banhos em Cidreira, do jornal *O mercantil* (Porto Alegre, 08/01/1884):

“As pessoas que quizerem ir aos higienicos banhos da Cidreira, encontrarão boas conduções em espaçosas carretas, que se acharão na Varzea desta cidade, em princípios de Janeiro entrante e por commodos preços; acrescentando-se que lá também encontrarão boas accommodações.  
Pôde-se desde já tratar com João de Deus Gomes, na casa de negocio do mesmo, no Campo do Bomfim, esquina da rua da Azenha.”

Neste anúncio, algumas informações acusam uma mudança de ordem cultural que instituíra a vilegiatura marítima como elemento intrínseco ao veraneio. Em 1888, foi inaugurado o Hotel da Saúde e, dez anos depois, o hotel Sperb em Tramandaí. Porém, a vilegiatura acabaria desencadeando uma nova relação com o litoral que foge, posteriormente, ao controle médico e assume uma dimensão mais hedonista.

Cabe salientar que a vilegiatura marítima na Alemanha data desde o início do século XIX. Perto da cidade hanseática de Lübeck é fundado em 1802 o balneário de Travemünde. Na Pomerânia, a estação balneária de Rügenwald data de 1815 e Swinemünde, no Báltico, é inaugurada em 1821.<sup>4</sup> Assim como na Inglaterra, os balneários marítimos na Alemanha foram

<sup>3</sup> PORTO ALEGRE, A. *Queda e Redenção*, in MOREIRA, Maria Eunice (Org.) *Narradores do Partenon Literário*. Porto Alegre: IEL, 2002, p.126.

<sup>4</sup> RAUCH, André “Les vacances et la nature revisitée (1830-1939)” in CORBIN, Alain. *L'avènement des loisirs (1850-1960)*. Paris: Flammarion, 1995, p.84.

desdobramentos das estações termais que atraíam milhares de banhistas anualmente. No Rio Grande do Sul, porém, alguns balneários da orla marítima antecederam as estações hidrominerais da hinterlândia. Para isso, os imigrantes alemães tiveram um papel decisivo. Nesse sentido, a moda dos banhos marítimos no Rio Grande do Sul não foi um desdobramento dos banhos termais, tampouco foi um “efeito demonstração” por parte de uma elite nativa e que, posteriormente, seria incorporada às práticas de lazer das camadas populares.

Considerando o expressivo número da comunidade alemã em Porto Alegre no último quartel do século XIX, especialmente entre os comerciantes e industriais da capital, pode-se inferir que os imigrantes alemães foram os pioneiros, embora não exclusivamente, da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul.<sup>5</sup>

Por conselho médico, a praia era indicada pela sua influência (eólica e talássica) positiva no tratamento de certas enfermidades. Além disso, a hidroterapia é recomendada por vários médicos na Europa. Destacam-se, entre eles, Pierre Chenoviz e Sebastian Kneipp. A propósito, no *vade mecum* medicinal de Chenoviz já são mencionadas termas brasileiras como de Araxá e Poço de Caldas.

O método hidroterápico do monsenhor Sebastian Kneipp chegou a ser muito difundido entre os médicos do Rio Grande do Sul, inclusive aqueles de origem alemã. No final do século XIX, em Hamburger Berg houve um estabelecimento que seguia a hidroterapia de Kneipp, cujo médico naturista, Leonardo Teschpoeke havia estudado em Wörishofen (Alemanha).<sup>6</sup> Também em Santa Cruz, o médico naturista Eduard Kämpf procurou uma localidade com boa fonte para instalar um sanatório. Além da *Wasserkur* de Kneipp, Eduard Kämpf, médico diplomado em Leipzig, adotava a técnica de Schroth. Além de banhos quentes

---

<sup>5</sup> Sobre a imigração alemã para o Rio Grande do Sul e seus desdobramentos demográficos, cf. SCHÄFFER, Neiva “Os alemães no Rio Grande do Sul: dos números iniciais ao censo demográfico”, in MAUCH, Cláudia et al. *Os alemães no Sul do Brasil*. Canoas: Editora da ULBRA, 1994, p.163-184. Sobre o peso demográfico e a influência econômica, social e cultural da comunidade alemã e teuto-brasileira em Porto Alegre, cf. GANS, Magda R. *Presença Teuta em Porto Alegre no Século XIX 1850-1889*, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

<sup>6</sup> Essas informações sobre o estabelecimento Kneipp em Hamburger Berg se encontram na edição brasileira de *Mein Wasserkur*. Porto Alegre, João Meyer Jr. e Comp. Editores, 1893.

e frios, banhos de sol e a vapor eram empregados, assim como massagens e dieta vegetariana.<sup>7</sup>

### **1. Do curismo ao turismo nas praias balneárias do Rio Grande do Sul**

No final do século XIX, algumas praias de mar do Rio Grande do Sul já eram freqüentadas por famílias de Porto Alegre e do interior do estado durante o verão. Entre as famílias de veranistas, destacavam-se aquelas de origem alemã não apenas pelo número de banhistas, mas pelo contingente de quem investia nos incipientes balneários do litoral marítimo.

Além das praias de mar, as montanhas e as termas do interior eram locais propícios para o curismo do final do século XIX. No Rio Grande do Sul, a estância hidromineral de Iraí passou a receber curistas nas primeiras décadas do século XX. Entre os primeiros freqüentadores dos banhos medicinais de Iraí, destacam-se os curistas de origem alemã.

Heinz von Ortenberg foi um desses freqüentadores assíduos das termas de Iraí. Médico radicado no Brasil, ele havia descoberto os benefícios dos banhos num balneário do Mar Negro.<sup>8</sup> Em 1916, Ortenberg servia junto às tropas alemãs e foi enviado com outros médicos para a Bulgária. A prática do *banho turco* foi uma atividade saudável e prazerosa que Ortenberg declarou realizar com freqüência durante sua estada na estação balneária de Burgas.<sup>9</sup> Lá também visitou as termas, já conhecidas dos antigos romanos, e cujas águas o médico alemão reputava ótima para a cura de “reumatismo, gota, ciática e males femininos”.<sup>10</sup>

No *post bellum*, o médico Ortenberg retornou ao Rio Grande do Sul. Apesar de residir em Santa Cruz do Sul, o médico freqüentou durante a década de 1930 o balneário de Iraí, onde outros banhistas alemães passavam alguns dias ou semanas durante o verão. Durante suas estadas de hidroterapia, o médico enviou algumas cartas à sua esposa Hanna. Nelas, há

<sup>7</sup> Kalender der Musterreiter (1903) Arquivo Beno Mentz/ILEA (UFRGS)

<sup>8</sup> Sobre a trajetória de Heinz von Ortenberg, cf. TELLES, Leandro Silva. *Heinz von Ortenberg, Médico do Kaiser e de Santa Cruz do Sul*. Santa Cruz do Sul: APESC, 1980.

<sup>9</sup> Idem, p.84.

<sup>10</sup> Idem, p.88-89

referências aos hóspedes alemães do hotel Descanso, cujo proprietário também era alemão, e a outros aspectos – como higiene e asseio – daquela estação balneária.

Em 1941 foi inaugurado o cassino Guarani na estação hidromineral de Iraí. Seguiu-se, portanto, uma tendência internacional de ampliar as atrações turísticas dos balneários.<sup>11</sup> Na década de 40, a urbanização das praias balneárias foi, inclusive, tema de uma matéria do engenheiro Ubatuba de Faria na revista *A Gaivota*.<sup>12</sup> Em edições dessa revista, vários anúncios do balneário de Capão da Canoa mostram o seu planejamento urbanístico para um futuro próximo e matérias sobre os melhoramentos em outros balneários, como o da Cidreira, foram constantes.

Com as melhorias, no plano material, os balneários marítimos também passam a receber um maior público e outras finalidades – além daquelas de saúde – se acrescentam ao veraneio. Assim, festas como de Carnaval passaram a ser realizadas nas praias, geralmente, nos salões dos hotéis que contratavam as orquestras para animar à noite de seus hóspedes carnavalescos. Cassinos também surgiram no litoral gaúcho. Mas nenhum deles teve a pompa do cassino Guarani em Iraí.

Em seu estudo sobre o cassino Guarani, Rossini tratou do empreendimento turístico no balneário de Iraí como se fosse exclusivo de italianos e seus descendentes. A autora omite, no entanto, um dos primeiros hotéis do balneário, de propriedade do alemão Bernardo Maahs.<sup>13</sup> Em 1936, um anúncio no jornal *Volkstimme* informa que se trata do único hotel alemão em Iraí. Indubitavelmente, a presença de italianos e de seus descendentes na hotelaria do balneário de Iraí foi predominante nos anos 30 e 40. Nomes de famílias como Beltrame, proprietária do Hotel Irahya, Magnabosco, do Hotel Internacional, Teston, do Balneário Hotel, Bastian e Cerutti do Hotel São Luis, e Meneguezzi, do Planalto Hotel, comprovam tal predomínio. Mas o seu “espírito empreendedor” não os salvou da crise gerada pela proibição dos cassinos no país.

---

<sup>11</sup> ROSSINI, Sirlei. *O Cassino Guarani*. Histórias, memórias e personagens. Iraí – RS (1940-1994). Passo Fundo: Editora da UPF, 2001, p.64 ss.

<sup>12</sup> *A Gaivota*, n. 15, 1942, p.8

<sup>13</sup> *Idem*, p.31.

A criminalização dos jogos de azar no país em 1946 selou a sorte dos cassinos em território nacional. Assim, o cassino Guarani foi fechado oficialmente no mesmo ano. Para o estudo dos banhos medicinais, a atividade do cassino tolhe a análise da atração daquela estação balneária na primeira metade da década de 1940. Segundo Fischer, a visitação ao balneário havia sido incrementada, talvez pela abertura do cassino, entre os anos de 1941-1946.<sup>14</sup>

Os banhos trouxeram uma renda significativa ao balneário de Iraí desde o final dos anos 1930, mas o jogo, provavelmente, drenou parte substancial dessa renda durante a vida curta do cassino Guarani. Na primeira metade da década de 1940, hidroterapia e jogo eram atividades complementares dos turistas que freqüentavam a estação balneária de Iraí. No entanto, alguns freqüentadores, como o médico Ortenberg, desaprovavam o aumento dos freqüentadores daquele balneário, pois desvirtuava as finalidades terapêuticas da estadia. Não apenas o sossego ficava comprometido, como também o controle de higiene dos banhos. Além disso, o médico Ortenberg parecia não gostar do convívio com uma clientela mais heterogênea, denominada por ele de “miserável plebe”.

Em sua primeira carta remetida do balneário de Iraí, datada de 03.12.1931, Ortenberg reputa as águas termais: *ein geradezu wunderbares Wasser*. Segundo outro médico, Heitor da Silveira, a água mineral de Iraí tem propriedades que minimizam tensões neuropsíquicas, tonificam músculos e tratam estresse, revigorando funções físicas e mentais. Além disso, ela ajuda na aceleração do metabolismo celular, na eliminação do ácido úrico, na estimulação de secreções internas, na regularização da pressão sanguínea, na ação diurética, antialérgica, sedativa com melhoria do sono, podendo ser benéfica, sobretudo, para o organismo de pessoas nervosas, neurastênicas ou que sofrem de insônia. Na tese de Silveira há também contra-indicações terapêuticas a observar.<sup>15</sup>

Nas cartas do médico alemão, Heinz von Ortenberg, há uma série de informações sobre a hidroterapia em Iraí. A casa de banhos ficava perto do hotel onde ele costumava se hospedar e

<sup>14</sup> FISCHER, Martin. *Iraí – cidade saúde*. Ijuí: Progresso, 1954, p.61.

<sup>15</sup> SILVEIRA, Heitor. *A estância de águas minerais de Iraí e suas indicações e contra-indicações terapêuticas* (tese de doutorado) Porto Alegre: Livraria do Globo, 1927.

havia um médico que supervisionava os banhos. Muitos hóspedes eram alemães e o maior fluxo era durante os meses de janeiro, fevereiro e março.<sup>16</sup> Além de profissionais liberais, caixeiros viajantes alemães ou teuto-brasileiros também freqüentavam a estação balneária. Ainda com base na correspondência de Ortenberg e sua esposa, podemos observar que outros médicos freqüentam aquela estação hidromineral, especialmente médicos naturistas. Porém, os balneários das praias de mar atraem cada vez mais os banhistas e acabam conquistando a preferência destes.

Em geral, aqueles que escreveram sobre o município de Iraí ou sobre o cassino Guarani, como Manoelito de Ornellas, Martin Fischer e Sirlei Rossini, apontam para o fechamento dos cassinos no país como o principal motivo da crise econômica que se abateu sobre a estação hidrotermal de Iraí a partir dos meados do século XX. No entanto, nenhum deles atentou para o aumento da procura dos banhos de mar. Cabe lembrar que houve uma série de incrementos na infra-estrutura dos balneários da costa marítima, desde a melhoria das condições de estadia, tanto em termos de higiene quanto de conforto da rede hoteleira, até o aumento da freqüência e a melhoria dos serviços de transporte para as praias balneárias do litoral gaúcho.

Nas décadas de 30 e 40, pode-se perceber uma série de melhoramentos dos hotéis, porquanto os anúncios salientam instalações sanitárias adequadas às exigências do departamento de saúde estadual e outras vantagens como água doce nos chuveiros, luz elétrica, acesso a ondas de rádio etc. As empresas de transporte, por seu turno, informam os horários e os vários destinos em seu percurso diário ou hebdomadário durante os meses de verão. Além disso, agências imobiliárias já atuam no negócio de loteamentos, na compra e venda de terrenos e na ampliação da infra-estrutura urbana das praias de mar.

Cabe salientar aqui também o pioneirismo de famílias de origem alemã. O Grande Hotel Atlântico, em Cidreira, era de propriedade de José Berger<sup>17</sup>, o Balneário Hotel Torres, na praia homônima, era de propriedade de Theobaldo J. Schuch e o Hotel Bela Vista, em Capão

---

<sup>16</sup> TELLES, *Op. cit.*, p.139-140.

<sup>17</sup> A Gaivota, n.3, 1931, p.18.

da Canoa, tinha como proprietário Carlos Leopoldo Merger.<sup>18</sup> Os nomes de alguns hotéis da praia de Tramandaí – como Sperb, Strassburg, Hoffmeister e Kunz – denotam igualmente a presença alemã desde os primeiros anos do turismo no litoral gaúcho.

A propósito, a revista *A Gaivota* anuncia o falecimento em dezembro de 1941 da mais antiga veranista da praia de Cidreira. Tratava-se de Cristiana Schneiders, viúva de Carlos Schneiders, comerciante em Porto Alegre. Ela faleceu com 92 anos e durante 75 anos veraneou em Cidreira.<sup>19</sup> Ou seja, essa família alemã freqüentava a praia de mar da Cidreira desde 1866. Tal informação corrobora as primeiras referências literárias à vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul e a presença dos alemães entre seus pioneiros.

Para ir às praias de mar nas décadas de 30 e 40, empresas de transportes operavam com linhas diárias durante o veraneio. Entre elas, pode-se destacar a empresa de Jaeger & Irmão que oferecia viagem diária de Porto Alegre para Tramandaí, Cidreira, Capão e Torres.<sup>20</sup> De Palmares a Torres, havia também a empresa de transporte Edmundo Dreher & Cia.<sup>21</sup> Para construção de *bungalows* e *chalets* de madeira na praia havia a casa de Max Geiss & Cia. Ltda., com sede em Porto Alegre.<sup>22</sup> Para a construção de estradas também havia a participação de empresários alemães. A rodovia Osório-Torres, por exemplo, seria construída pela firma Dahne & Conceição.<sup>23</sup>

O desenvolvimento da infra-estrutura nas praias balneárias do Rio Grande do Sul veio ao encontro da moda de banhos que teve como esteio um discurso médico. O notório professor da Escola de Medicina, doutor Raul Pilla, num artigo para uma revista especializada nas praias balneárias do Rio Grande do Sul, afirmava que “os banhos, as pulverizações salinas do ar, a limpidez e a forte luminosidade da sua atmosfera fazem das praias marítimas grandes e insubstituíveis fatores higiênicos e terapêuticos.”<sup>24</sup>

---

<sup>18</sup> *A Gaivota*, n.6, 1934, p.9

<sup>19</sup> *A Gaivota*, n.15, 1942, p.42.

<sup>20</sup> *Idem*, p.47.

<sup>21</sup> *A Gaivota*, n.3, 1931.

<sup>22</sup> *Idem*, p.67.

<sup>23</sup> *Idem*, p.42.

<sup>24</sup> PILLA, Raul. “Praias de mar”, *A Gaivota*. Revista ilustrada das praias balneárias, ano XVI, n.17.

## 2. Das praias européias ao litoral marítimo do Rio Grande do Sul

Quando o médico Robert Avé-Lallemant viajou pelo Rio Grande do Sul, os banhos quentes ou frios com finalidades terapêuticas não eram ainda moda na província.<sup>25</sup> Predominava no Brasil, de um modo geral, a vilegiatura campestre, preferencialmente às regiões serranas, como terapia aos males advindos das localidades insalubres ou do modo de vida moderno. Petrópolis era o destino para a convalescença de todos os que, no Rio de Janeiro, eram “doentes, fracos, debilitados pelo clima ardente, ameaçados pela febre amarela, fatigados pelas preocupações”<sup>26</sup>. No Rio Grande do Sul, no entanto, a vilegiatura marítima precedeu a subida para a serra a fins terapêuticos.

Para alguns viajantes alemães que passaram pelo Rio Grande do Sul na segunda metade do século XIX, Porto Alegre ainda não apresentava os problemas para a saúde humana, devido à poluição e ao modo de vida frenético típico aos centros urbanos. Escusado lembrar que a capital da província não se diferenciava muito de uma aldeia em meados do século XIX. O arraial do Menino Deus era um dos destinos preferidos para a vilegiatura campestre e as praias do Guaíba também ofereciam lazer e descanso aos seus visitantes. Porém, o médico alemão, Franz Epp, sentiu falta de um balneário público em Porto Alegre.<sup>27</sup> Outros viajantes europeus (Baguet, Isabelle, Ambauer) apontaram para o potencial balneário de Porto Alegre, especialmente pelo seu clima e arrabaldes.

Mas a industrialização e a urbanização foram transformando os refúgios e, dentro de poucas décadas, as praias do Guaíba, o arraial do Menino Deus e o Caminho Novo com suas casas de campo deixaram de servir ao passeio, ao repouso, ao lazer. Paralelamente, o litoral marítimo começou a receber os banhistas. O veraneio nas praias de mar ganhava adeptos e, entre eles, predominavam famílias alemãs. Em alguns números da revista *A Gaivota*, das décadas de 1930 e 40, listas nominativas de hóspedes de alguns hotéis das praias balneárias do Rio Grande do Sul acusam tal predomínio.

---

<sup>25</sup> AVÉ-LALLEMANT, R. *Viagem pela Província do Rio Grande do Sul (1858)*. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: Edusp, 1980.

<sup>26</sup> AVÉ-LALLEMANT, *Op. cit.*, p.94.

<sup>27</sup> NOAL FILHO, Valter e FRANCO, Sérgio da Costa, *Op. cit.*, p.131.

Anúncios em jornais também acusam o empreendedorismo dos alemães em turismo nas praias do Rio Grande do Sul. Alguns anúncios eram mesmo em alemão já que a clientela teuto-brasileira era significativa. Banhos de mar em praias como Torres, Capão da Canoa, Tramandaí, Cidreira, Quintão e Rio Grande eram propostos com pacotes de 7, 14 ou 21 dias e cujo valor da temporada variava conforme o hotel.

Além da expressiva presença alemã e teuto-brasileira entre os empresários do ramo hoteleiro e turístico do litoral gaúcho, tem-se, igualmente, a italiana e de seus descendentes. Hotéis famosos como o Hotel Casino Picoral, em Imbé, o Balneário Farol Hotel, em Torres, e o Hotel Bassani, em Capão da Canoa, são alguns exemplos. Além disso, famílias italianas também atuavam no setor turístico da estação hidrotermal de Iraí.

A vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul não emergiu do acaso. A experiência de veraneio de muitos alemães com as praias do Mar do Norte podem estar associada aos seus primórdios. Da mesma forma, a experiência marítima dos italianos foi decisiva para o desenvolvimento do turismo no litoral. As águas bálticas e mediterrânicas, no entanto, diferem em termos de temperatura e paisagem, fauna e flora. Mas o que importa assinalar para os fins deste estudo é que essas experiências, de alemães e italianos, convergiram para a moda dos banhos de mar no Rio Grande do Sul.

Evidentemente, os luso-brasileiros freqüentavam a praia, andavam de barco, caminhavam pelo litoral e namoravam à beira-mar como podemos ler nos “romances urbanos” de José de Alencar e de outros escritores românticos. Porém os banhos de mar eram raros. Vale lembrar que num romance de Eça de Queirós, aparecem os banhos de mar com finalidade terapêutica. Mas o que já era moda na Europa, e mesmo em Portugal, demorou a chegar ao Brasil meridional. No Rio de Janeiro e em Minas Gerais, no entanto, alguns balneários hidrominerais já eram freqüentados desde o final do século XIX. João do Rio comenta sobre os balneários brasileiros e descreve o dia-dia do *grand monde* nestas estações de banhos.

Assim como certas estações hidrominerais do interior, os balneários marítimos também dependeram de uma população imigrante já com experiência européia em hidroterapia. Além

dela, a opinião de brasileiros ilustres que viajavam ao exterior também era importante para a “propaganda” em prol dos balneários. Em sua viagem pela Alemanha, Nísia Floresta visitou a estação de Baden-Baden e teceu elogiosos comentários.<sup>28</sup> Também esteve em Spa, na Bélgica, onde provou a água da fonte de Géronsthère, que lhe pareceu agradabilíssima. Vale lembrar que Spa foi a primeira cidade do continente europeu a seguir o modelo balneário inglês de Bath.<sup>29</sup> Sobre a fonte mineral de Spa, Nísia Floresta comenta que suas águas eram indicadas para doenças crônicas do estômago e dos intestinos. Nísia Floresta comentou ainda sobre uma grande e rica casa de jogos, única permitida na Bélgica, e fez críticas àquele espetáculo.<sup>30</sup> Vale lembrar que, naquela época, alguns já criticavam o charlatanismo dos balneários europeus.<sup>31</sup> A viajante brasileira também comentou sobre um monumento em pleno centro da cidade e que foi erguido à memória de Pedro, o Grande, que se curou com as águas do local.<sup>32</sup> No romance de Tolstoi, Ana Karenina, também há referências sobre a freqüentação de estações de banhos alemãs por parte da nobreza russa.

Apesar de compartilhar o mesmo projeto terapêutico, as estações balneárias do interior e do litoral marítimo tiveram desdobramentos distintos. A vulgarização da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul ocorreu durante o século XX e, para isso, foi necessário um incremento na infra-estrutura em termos de transporte, saneamento básico, projeto urbanístico dos balneários etc. O médico Raul Pilla já apontava para essa necessidade de “modernização” dos balneários na década de 1940, quando pleiteava que os benefícios dos banhos de mar e das caminhadas à beira-mar à saúde humana deveriam ser democratizados. Nesse sentido, associava à modernização da orla marítima e de seus balneários como uma questão de saúde pública. Lembrava o médico que “as praias úteis socialmente são as mais modestas, aquelas onde não se explora o jogo ou ele constitui mera distração, porque estão ao alcance de toda a gente e nelas se exerce, em toda a plenitude, a profunda influência do clima marítimo.” O médico asseverava ainda “verdadeira necessidade social popularizar as praias de mar”.

<sup>28</sup> FLORESTA, Nísia. *Itinerário de uma viagem à Alemanha*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1998, p. 180.

<sup>29</sup> RAUCH, *Op. cit.*, p.84.

<sup>30</sup> *Idem*, p.66.

<sup>31</sup> AVÉ-LALLEMANT, *Op. cit.*, p.94.

<sup>32</sup> *Idem*, p.64.

Nas décadas de 30 e 40, no entanto, as praias balneárias do litoral gaúcho já apresentam problemas de saúde e de higiene. Afinal, o número de veranista aumentou sem que a infraestrutura de saneamento tenha conseguido atender plenamente os critérios de higiene e saúde pública. Em 1946, por exemplo, o jornal Gazeta do Sul adverte seus leitores de certos cuidados que se deve ter em relação à escolha do local para veraneio. Além de advertir que a beira-mar não é recomendada para todos, sugere aos veranistas vacinação e também imunizar as crianças da difteria. Recomenda ainda evitar lugares sem fossa adequada ou sem esgotos. Onde não houver canalização da água, indica-se a fervura. Por fim, salienta a necessidade de observar os hábitos higiênicos em lugares de aglomeração de pessoas. Nota-se que o aumento da procura dos balneários (mesmo sob indicação médica), tornou esses locais um foco de preocupações de saúde pública, porquanto poderiam ser focos para epidemias e moléstias. Além disso, a aglomeração de pessoas dificultava o repouso, o retiro e outras qualidades da vilegiatura marítima de outrora.

### **Considerações finais**

O estudo dos primórdios dos balneários no Rio Grande do Sul acusa uma estreita relação entre os banhos de mar e de águas termais. A hidroterapia foi, sem dúvida, a primeira finalidade dos banhos. Banhos medicinais que se traduziam por medidas preventivas contra certos males, por ações curativas e outras pós-curativas. No entanto, os banhos de mar com finalidade terapêutica precederam os banhos em estações hidrominerais no Rio Grande do Sul, pois a literatura acusa a ida à praia de mar no último quartel do século XIX enquanto o famoso balneário de Iraí passaria a ser freqüentado por curistas a partir do início do século XX.

Apesar da moda dos banhos, as estações hidrotermais sempre foram de difícil acesso ao público, especialmente aquele da capital do estado. Para o mar, os primeiros protagonistas dessa vilegiatura eram, quase exclusivamente, famílias alemãs, principalmente aquelas estabelecidas em Porto Alegre. A praia da Cidreira era a preferencial pela sua proximidade. Mas as praias de Tramandaí, Capão da Canoa e das Torres atraíam igualmente os banhistas.

No decurso da primeira metade do século XX, percebe-se que o litoral norte se desenvolve mais que o do sul em função de sua proximidade com as zonas de colonização alemã e italiana. Ao mesmo tempo, o crescimento demográfico, a urbanização e a industrialização de Porto Alegre promovem uma alteração na paisagem urbana em que os passeios à margem do Guaíba e a vilegiatura campestre para os arraiais próximos do centro da cidade já se tornam pouco atraentes.

Durante as décadas de 30 e 40, a orla marítima recebeu incrementos significativos e se consolidou como opção de veraneio a um público urbano. Cabe assinalar que empresários de origem alemã tiveram um papel importante neste processo de “modernização” dos balneários gaúchos. Ao mesmo tempo, aumentava-se a “satelização” das atividades econômicas das populações praieiras ao turismo.

Houve, portanto, uma mudança na representação do litoral. Não se trata mais daquela paisagem marítima estéril, solitária, hostil e “território do vazio”. Com ênfase nas vantagens para a saúde, a representação social dos balneários afirma os aspectos positivos do veraneio. No entanto, a vilegiatura marítima deixa de ser apenas uma atividade com finalidades terapêuticas. Paradoxalmente, os balneários começam a lotar durante o verão e problemas de saúde e higiene inquietam veranistas e empresários do ramo.

Vale lembrar que as formas de cuidado com a saúde, de entretenimento, de lazer e de vilegiatura dependem dos recursos daqueles que busca(va)m as vantagens dos banhos e de outras atividades físicas intrínsecas ao veraneio tanto em estações hidrominerais quanto em praias marítimas. Assim, os balneários também foram espaços sociais de distinção. Na década de 40, as férias remuneradas permitiram à classe trabalhadora viajar e aproveitar as praias de mar. No entanto, as leis trabalhistas das décadas de 30 e 40 pouco beneficiavam os trabalhadores rurais. Nesse sentido, muitos agricultores, especialmente de origem alemã e italiana, ficaram sem nunca ver o mar. Ao passo que um número maior de veranistas se desloca rumo às praias, as estradas também são incrementadas e novas rodovias são inauguradas. A vilegiatura marítima se torna, pouco a pouco, um elemento constitutivo do

imaginário popular da sociedade gaúcha e se inscreve na emergente cultura do lazer desenvolvida ao longo do século XX.

Os primórdios dos balneários no Rio Grande do Sul e os cuidados com o corpo

XVII Encontro Regional da ANPUHRS

Sílvio Marcus de Souza Correa  
<http://silviomscorrea.siz.com.br>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Porto Alegre, 17, 18, 19 e 20 de julho de 2008